

# O marco fundamental dos grandes utópicos sociais desde Platão até a contemporaneidade

*The great social utopian milestones from Plato to the contemporary times*

Prof. Dr. Adelmo José da Silva (UFSJ – São João del-Rei-MG)  
[adelmojs@oi.com.br](mailto:adelmojs@oi.com.br)

**Resumo:** Muito se fala sobre o papel do homem contemporâneo como criador de uma nova moral para um mundo em mudança. Isto impõe uma inversão da realidade, a fim de apreender seus temas emergentes e refletir sobre as novas tarefas de uma ética moderna, atuante e capaz de orientar as transformações de hoje e do amanhã. Um trabalho, portanto, de profundidade. Um caminho para o ser, pois do ser é que se eleva o agir.

**Palavras-chave:** Nova moral; Temas; Ética ativa.

**Abstract:** People speak a lot about the contemporary human's work, as the creators of a new moral for a changing world. It implies an inversion of the reality in the changes, in order to apprehend its emerging themes and to reflect about the new works of a modern and active ethic, able to give a direction to the changes of a direction to the future. It is, however, a deeply work. A way for the being, because from being is that we lift the acting.

**Key words:** New moral; Themes; Active ethic.

## 1. Considerações iniciais

Mais do que nunca, faz-se necessária, hoje, esta busca de compreensão do suporte do ente, ou do sentido profundo dos fenômenos, usando a terminologia heideggeriana, e desocultar o que se esconde sob as aparências do mundo em transformação, a fim de se revelar a verdadeira face do real em que vivemos. Só assim, após este processo em busca da verdade é que se poderá criar a moral aberta para a atualidade.

Em face de tudo isto a moral aberta não surge como doutrina sistemática, e sim, como uma crítica social por excelência. Esta atitude não pode consistir em proclamar uma ordem social positiva em nossa sociedade pluralista. Porém, a experiência negativa do humano ameaça à justiça, à liberdade, à paz, à dignidade da pessoa humana; é algo que a moral deve suscitar em comum com outras correntes ideológicas que levantam a mesma problemática. Esta experiência negativa do humano oferece também a possibilidade de uma

unidade, como na oposição crítica ao horror e ao terror da não-liberdade, da manipulação e da injustiça.

## **2. Marco fundamental da evolução do pensamento ético**

O grande empreendimento a ser realizado é fazer surgir o homem com a esperança de um futuro melhor. É assim contagiar o mundo de utopia, de anseio por uma nova humanidade, libertar das cadeias que a estreitam. A moral aberta é considerada a única porta em condições de conduzir a uma nova realidade, a um tipo de situação em que a dignidade da pessoa humana, inserida na sociedade, seja verdadeiramente levada em consideração. Isto porque o homem é um ser no mundo, dotado de consciência utópica e que se descobre como não sendo aquilo que deveria ser. O eu possível é sempre maior que o eu real; sendo assim, ele estará sempre buscando. O ser acabado é sempre projeto, um vir a ser. Neste sentido, o homem é problema para si mesmo. E, pelo fato de ser problema, é barreira a ser superada. Ser mais é o desafio que se coloca à sua frente.

Ao mesmo tempo, ele é um ser no mundo, como diria Martin Heidegger, ou melhor, um ser social. Sobre a sociedade o homem também projeta sua consciência utópica, isto é, descobre sempre a sociedade como algo inacabado e por isto mesmo a ser transformada. A sociedade possível, aquela idealizada, está muito distante da sociedade real. Este fato constitui o marco fundamental dos grandes utópicos sociais desde Platão, passando por Agostinho de Hipona até chegar à contemporaneidade. Portanto, a sociedade também se coloca diante do homem como desafio. Seu relacionamento possui, portanto, uma dimensão moral.

A moral aberta surge, pois, na própria tensão dialética de um eu já realizado e um fazer; entre um eu existo e um outro quero viver. Nesta perspectiva, a moral a ser criada é caminho para a realização do homem contemporâneo. Está em função do ser mais. É exigência de humanização e de crescimento. Ultrapassa o puramente racional e o tradicional, com o objetivo de ser mais abrangente.

Cumprir adquirir o espírito de iniciativa, sem o qual jamais o homem será capaz de criar; ou porque não terá idéias novas, ou porque não terá coragem de enfrentar as

inevitáveis dificuldades. Sem iniciativas, tampouco será capaz de fazer algo face ao imprevisto.

Grandes idealistas contemporâneos como Bergson apostam na possibilidade de o homem entrar numa nova esfera de vida, liberta de toda forma de alienação e desumanização. Esta nova fase incluiria a libertação das correntes que instrumentalizam sua mente, seus instintos e sua vida. A cultura liberta encaminharia o homem a um verdadeiro humanismo.

Aí está o que iluminaria a nova moral proposta pelos humanistas contemporâneos. Eles a compreendem colocando-a no seu contexto, que não é mais o das ideologias, nem o das supostas virtudes, e sim o de um fenômeno maior, cuja meta é fazer surgir uma sociedade universal. Uma civilização formada com a participação científica, tecnológica, filosófica, literária, moral e artística de todas as civilizações existentes; que será criada para o desenvolvimento de todos os continentes e todas as raças, de todas as nações e de todos os grupos.

Estes humanistas contribuem para a elucidação da justa moral com importantes implicações na contemporaneidade. A reflexão moral apresentada implica em uma precisa concepção de abertura. Significa que o homem deve descobri-la; isto faz parte da essência desta moralidade. É mister ter presente que o homem é um ser pessoal e histórico. Deve, portanto, assumir, experimentar, considerar, na sua situação atual, a humanidade, o mundo e a si mesmo, mas antes deve tomá-lo, dominá-lo, plasmá-lo, exprimi-lo, imprimir, de um modo todo especial, sua forma própria. Portanto, humanizá-lo sempre mais.

O homem e seu mundo não são apenas atualização, mas também potencialidade; situação atual e possível expressão única da realidade confiada a este. Como pessoa no mundo, o mesmo deve empreender sempre de novo e sempre mais amplamente a investigação para saber qual é o modo de comportamento humano, qual o tipo de sociedade humana e de domínio e emprego da realidade a serviço da humanidade que seja verdadeiramente humano e que correspondente a um verdadeiro humanismo. Com relação à espécie de progresso que pode ser definido, no sentido verdadeiro e próprio, como progresso humano, a partir desta dinamicidade e abertura, o mesmo considera que o homem

é um ser histórico. Isto não significa apenas que ele vive numa sucessão temporal, que pode voltar ao passado e talvez pressagiar o futuro. Significa, sobretudo que ele, na base de sua autocompreensão e experiência do passado e presente, pode e deve projetar o futuro, como futuro autenticamente humano.

A consciência moral, e a consciência da situação devem motivar o homem a lançar-se rumo à elaboração de um projeto do autenticamente humano. E, como seres históricos, não podemos viver estaticamente; temos continuamente o futuro a projetar: o próximo instante, o próximo dia, os anos futuros e o futuro da humanidade. Assim é necessário sempre considerar a expressão do próprio eu, do mundo humano e da terra a serviço do homem, como específica tarefa humana. A atuação do projeto humano, isto é, o comportamento conforme ao conhecimento adquirido, sobre aquilo que é feito de vez em quando historicamente, leva a experiência que de si podem tornar possíveis e necessárias novas reflexões, novos conhecimentos e novos empreendimentos. Como ser histórico, o homem deve se preocupar continuamente com o futuro, meditar sobre o progresso.

Tal reflexão acena para a existência de questões sempre completamente novas, principalmente hoje em que torna possível ao homem a intervir na natureza e modificá-la. Se compreendermos a moral dinamicamente como convite para viver como homens, fica claro que o seu cumprimento requer sempre uma ação de nossa parte. Há o desafio de arrancar ao mundo os seus segredos e as suas possibilidades, livrá-lo de sua fixidez e pura faticidade. Importa-lhe uma perspectiva. Afinal a tarefa do homem não consiste simplesmente em defender os dados de fato, o que está aí. A meta da sociedade humana não é a situação e a ordem já existentes, mas uma sua estruturação sempre em mudança para melhor.

### **3. Considerações finais**

Tudo o que foi dito significa que aquilo que é dado, aquilo que se constitui e aquilo que nós formamos, é também aquilo que está sujeito ao progresso que se realiza em uma linha de oposição a uma autêntica ordem moral. Significa que seria ilegítimo e, por isso, imoral se o homem quisesse comportar-se com indiferença em relação ao progresso da realidade humana. Ao contrário, sugere-se a preocupação por parte do homem com um

progresso de fato. Com isso fica dito que o progresso deve ser sempre humano e nunca se traduzir em desumanidade.

Para os humanistas contemporâneos o mundo só tem sentido, à luz desta moral. A exata compreensão do progresso e da sua avaliação moral depende em grande parte da exata compreensão de conceitos e princípios morais. Bergson considera de importância decisiva saber se de fato trata-se de uma concepção preferentemente estática ou de uma concepção autenticamente dinâmica. Só a superação de um pensamento unilateralmente estático e a conseqüente capacidade de um pensamento dinâmico no campo da moralidade abrem caminho à compreensão moral do progresso humano.

Em síntese, os humanistas contemporâneos prestam uma grande colaboração à elucidação da justa moral com ressonâncias em nossos dias ao considerar que sem esta perspectiva dinâmica não seria possível a superação de situações desumanas e de tudo aquilo que desfigura o homem e a humanidade como um todo.

#### **Referências:**

ARISTÓTELES . Ética a Nicômaco. *Os Pensadores*. São Paulo: Nova Cultural,1996.

BERGSON, Henri. *As duas fontes da moral e da religião*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. São Paulo: Tecnoprint, s.d.

\_\_\_\_\_. *Além do Bem e do Mal*. São Paulo: Hemus 1981.

PLATÃO. *Le Politique*. Paris: Belles Lettres, 1950.

\_\_\_\_\_. *Le Republique*. Paris: Belles Lettres, 1947.

SILVA, Adelmo José da Silva. *A relação entre a moral e o misticismo em Henri Bergson*. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 2001.